A CONSTRUÇÃO DE VALORES A PARTIR DO CONTEXTO CULTURAL.

e-mail neiva.carvalho@gmail.com

CARVALHO, Neiva Virgínia de Carvalho, AMORIM, Priscila Rodrigues Rogerio2[2].

[1,] Escola Municipal Celina Soares de Paiva,

[2] Escola Municipal Celina Soares de Paiva, [1]e-mail priscilarogerio@hotmail.com

Linha de trabalho: LT7 Experiências de caráter motivador e Inovação Pedagógica

Resumo

Ao sucesso ou ao insucesso da escola podem ser destinadas às desigualdades sociais. A escola é um reservatório de indivíduos que vivem o capital cultural que nivela as pessoas homogeneizando as diferenças. Este trabalho teve a finalidade de promover aos alunos a análise e a reflexão da própria origem através do processo investigativo: lugar de origem, representatividade local, profissão, etc., estimulando o diálogo familiar, a valorização e respeito aos mais velhos e a autovalorização. Os resultados alcançados foram: Formação da identidade coletiva, identidade própria, informações sobre a história de seus familiares, além de entenderem os aspectos da cultura corporal vivenciada.

Palavras-chave: Pibid; Educação Física; cultura.

No ano de 2014, a Escola Municipal Celina Soares de Paiva tinha em seu contexto dois projetos distintos do PIBID, um da UNIUBE e um da UFTM. No segundo semestre desse ano fomos convidados fomos convidados pela professora supervisora da UFTM a participar de um trabalho interdisciplinar a ser realizado durante as atividades do PIBID (parceria estabelecida entre professores supervisores e licenciandos da Universidade do Triângulo Mineiro e a Universidade de Uberaba), com a finalidade de promover aos alunos Escola Municipal Celina Soares de Paiva a análise e a reflexão da própria origem através do processo investigativo sobre os antepassados (lugar de origem, representatividade local, profissão, etc.) e ao mesmo tempo estimular o diálogo familiar, valorização e respeito aos mais velhos, como também, a autovalorização. No decorrer desse percurso, os estudantes tiveram a oportunidade de travar contato e aprofundar os conhecimentos alusivos à cultura corporal produzidos pelos distintos grupos que compõem a

sociedade e os significados que lhe são atribuídos, por eles próprios ou pela cultura hegemônica. A justificativa para a realização desse projeto foi a necessidade da valorização da família, por parte dos alunos. Nesta escola, uma grande parcela dos pais não é presente na vida escolar dos seus filhos, não participa das reuniões, não busca conhecer os professores e o trabalho que estes desenvolvem. É percebido, na relação com os alunos, que não há diálogo na família, pois não são cultivados momentos de socialização por parte dos integrantes. Dessa forma, pesquisar sobre a própria família pode despertar no aluno a curiosidade por aquele que já escreveu sua história aqui. Assim, estudar sobre os antepassados aumenta a noção que os alunos têm da sua própria família e o mais significativo é compreender quem foi o antepassado a partir do que ele era, sua profissão, sua importância na família, na comunidade, ou seja, seu legado, para as próximas gerações que vieram, por conseguinte. Aproximadamente 25 estudantes da Escola Municipal Celina Soares de Paiva, por 5 meses, realizaram um estudo sobre a formação da cultura e do povo brasileiro (identidade coletiva) e, posteriormente, construíram a sua identidade própria. A vivencia das práticas corporais subjugadas ou subordinadas da sociedade podem integrar-se ao currículo em duas frentes: em primeiro lugar, numa concepção integrada e articulada aos saberes das demais disciplinas ou pelo desenvolvimento de projetos comuns, como o aqui proposto. Partindo do pressuposto que os alunos devem ser agentes ativos na construção do conhecimento, utilizamos a "roda de conversa" como estratégia para investigar o fato de que, talvez, meus alunos conhecessem e reproduzissem certas práticas corporais sem considerar a possibilidade de intervir, criar ou modificar, aqui no caso, as danças já conhecidas. Lançamos, inicialmente, as seguintes questões: que danças você conhece? Quem te ensinou? Com quem você dança? Quais danças existem que não conhecemos?

Levei um tempo considerável para organizar a discussão e os questionamentos, pois, os alunos falavam todos de uma só vez e não procuravam ouvir o que os outros diziam. Insisti em fazê-los compreender que todos têm direito de dar a sua opinião, mas para que isso acontecesse, deveriam falar um por vez. Combinamos que era preciso levantar a mão e aguardar para garantir a sua vez de falar. Não foi fácil, mas, observei que manter a rotina, de lembrar os combinados e fazer a roda, minimizava as dificuldades. As questões discutidas proporcionaram a elaboração de uma lista de danças. Esta lista foi escrita na lousa por mim e ditada pelos alunos. Escrevi este texto também em uma folha de papel pardo para marcarmos as danças representativas dessa comunidade. Constatei que a turma conhecia algumas danças, mas encontrava dificuldades para

relatá-las verbalmente, parecia faltar vocabulário. Às vezes os alunos davam nomes diferentes para a mesma dança. De qualquer forma, quando passamos a relação das danças afro brasileiras, juntamente com a apresentação em vídeo da mesma eles começaram a entender a proposta. Selecionaram aquelas que queriam vivenciar, e posteriormente fomos para quadra executá-las. A partir daí vivenciaram as diferentes formas de dançar.

A leitura, a escrita e a interpretação estavam fortemente presentes nas atividades a partir de textos de apoio, de investigação fotográfica, de investigação dialogada com os familiares, de documentários, e de rodas de conversas (momento onde o aluno pode compartilhar o que sabia sobre a sua história), de oficinas (de genealogia e de digitação), de palestra (convidado externo), de passeio (museu AfroBrasil) e de vivências e apresentações artísticas (danças de origem indígena e afro-brasileira, PIBID Educação Física UNIUBE). As ações desenvolvidas foram registradas em diários pelos alunos.



Foto 1



Foto 2

Fotos 1 e 2, são das atividades referentes ao estudo teórico dos ritmos de origem indígena e afro-brasileiro e ao ensaio para a apresentação das danças folclóricas (PIBID/UNIUBE – Educação Física), respectivamente.

Os resultados alcançados foram: Formação da identidade coletiva – os alunos demonstraram conhecimento superficial e equivocado a respeito do processo de colonização do Brasil, mas ao longo do estudo os alunos se apropriaram de informações que os permitiram identificar, no seu cotidiano, a herança cultural indígena e afro-brasileira. Formação da identidade própria - foi possível constatar a dificuldade dos alunos em acessar o material necessário (fotografias e os familiares) para as investigações sobre a história familiar, como também em ter informações básicas, tais como, data de nascimento e nome completo dos pais e irmãos. Também foi observado que a medida que as discussões e reflexões nas atividades

aconteciam os alunos descobriam, com entusiasmo, informações sobre a história de seus familiares. A etapa de vivencia e ensaio para apresentação das Danças Folclóricas a partir dos vídeos apresentados possibilitou a retirada de informações para a escolha de qual dança iriam ensaiar e apresentar. Não resta dúvida de que a utilização das manifestações corporais afro-brasileiras nas aulas de Educação Física estimou alunos e os professores do PIBID a abordar também outras dimensões como origem, história, ritmo, adereços etc, assim o conteúdo de ensino foi tudo aquilo que ocupou o tempo escolar. Então todas as aprendizagens e os efeitos que derivam das atividades vivenciadas no âmbito da escola constituíram uma iniciativa escolar mais totalizante. Enfim os conteúdos de ensino devem ser apresentados perante o coletivo docente cuidando para a integração da cultura experimental e da cultura dos alunos, relacionados com as vivencias nas aulas e os conhecimentos que se pretende ensinar.

Referências

NEIRA, Marcos G; NUNES, Mario Luiz F. Educação Física, currículo e cultura. São Paulo: Phorte Editora, 2009.

NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio. (Orgs.) (1998). **Pierre Bourdieu. Escritos em Educação.** Petrópolis: Vozes, 1999. 2ª edição